

George Floyd: Tirem os Pés dos Vossos Pescoços

Por: Babafemi A. Badejo, Ph.D



Muitos seres humanos condenam com razão a asfixia de George Floyd até o que deve ter sido uma morte dolorosa e agonizante, com ele a gritar: "Não consigo respirar" e a apelar à ajuda da sua mãe já falecida. Mas Derek Chauvin, o representante da polícia (melhor expressão do que "oficial", que os faz sentir que estão acima das pessoas que devem servir), continuou ajoelhado a sufocar a sua presa como um leopardo faria a uma cobiçada gazela acabada de caçar. Os colegas de Derek: J. Alexander Kueng e Thomas Kiernan Lane ajudaram a conter Floyd, enquanto Tou Thao ficou de guarda a garantir que não houvesse interferência de espectadores, enquanto todos eles desfrutavam do horrível escoar da vida de George Floyd a esfumar-se durante 8 minutos e 46 segundos. George Floyd não foi o primeiro nem o último a enfrentar o "Momento George Floyd". Em Atlanta, Rayshard Brooks enfrentou-o a 12 de Junho de 2020 e Eric Garner enfrentou-o a 17 de Julho de 2014. Também ele soluçava: "Não consigo respirar", pois foi asfiziado por Daniel Pantaleo em Nova Iorque.

Os millennials, em manifestações multirraciais em todo o mundo, têm estado nas ruas de muitos países a exigir justiça e a popularizar ainda mais o movimento "Vidas Negras Importam". Este grito de guerra deveria realmente ser "Vidas Africanas Também Importam (African Lives Matter Too - ALMT)". Alguns destes protestos chamam a atenção para a manifestação de racismo em termos de assassinatos policiais que ou nunca são processados ou são sempre absolvidos e varridos para debaixo do tapete com indiferença. Estas manifestações têm demonstrado que a brutalização dos outros, especialmente pessoas de ascendência africana, não é apenas uma aberração americana, mas um fenómeno mundial - um fenómeno que deveria ser totalmente descontinuado e denunciado como "A Desumanidade do Homem para com o Homem"!

As pessoas com ADN africano (quaisquer que sejam as suas conquistas individuais) são colocadas no fundo da pilha mesmo em África, para não falar nos EUA; Reino Unido; Europa; Médio Oriente; Américas; Ásia e Oceânia. A África constituirá uma surpresa para muitos. Mas tenho viajado muito por África e vejo como os africanos se encolhem quando têm de lidar com o "Oyinbo" ou "Mzungu". Um nigeriano como outros africanos está condicionado a dar mais peso ao raciocínio e aos actos de um Oyinbo/Mzungu em comparação com o seu compatriota nigeriano. Eu tenho visto africanos liderarem uma delegação da ONU em África e os africanos que a acolhem darem destaque a um Oyinbo que pode até ser o mais baixo na hierarquia burocrática na delegação. Na verdade, o problema que enfrentamos é mais do que brutalidade policial em todo o mundo. A hierarquização, resultante de diferenças de poder e apoiada por controlos ideológicos ou religiosos (soft power) da mente, tem sido um meio de sustentar a ordem nas nossas sociedades. Os avanços tecnológicos, por mais grosseiros que fossem no início,

tornaram possível expandir os contactos entre as comunidades, resultando no comércio de mercadorias. As diferenças de poder entre comunidades/sociedades alimentaram o desejo de subjugar outros seres humanos de outras comunidades e sociedades e fazê-los suprir as necessidades dos seus conquistadores. O comércio cresceu para incluir seres humanos como bens/mercadorias. Esta situação tem estado com a humanidade há já muito tempo. Tal situação é mesmo conhecida e sancionada pelos chamados livros sagrados.

É interessante que, no ponto inicial de contacto, os europeus, sobretudo portugueses, não viam os africanos como desiguais e sub-humanos. Existem relatos escritos sobre a admiração portuguesa pelas realizações do Reino do Benim. Durante muito tempo, os europeus negaram as pirâmides de Gizé como contribuições africanas para a civilização. Mas entretanto, todos sabemos hoje que a chegada dos árabes ao Egipto foi posterior e que as pirâmides e artefactos núbios foram pagos aos afrodescendentes.

Porém à medida que a relação foi avançando e as realidades europeias ditaram a extracção da máxima riqueza através da posse de africanos, estes tiveram de construir uma desumanização sistémica institucionalizada/estruturada dos africanos e cooptaram alguns traficantes africanos que se tornaram co-beneficiários, embora de ninharias no caso das vendas de africanos.

Os europeus subjugarão o resto dos africanos através das armas, de mãos dadas com o meio de controlo mais insidioso: a religião. Assim, os britânicos conquistaram a resistência do Ijebu à colonização em 1892 com o afluxo de missionários cristãos, seguindo o rasto da conquista para afastar ainda mais o Ijebu da sua religião. O Reino do Benin enfrentou o mesmo em 1897. O resto do país agora conhecido como Nigéria e grande parte da África rendeu-se aos britânicos, já que os franceses, portugueses e belgas se acotovelavam noutras partes de África.

Tendo-se tornado não lucrativo o comércio de escravos trans-sahariano através da abertura do comércio costeiro, o comércio transatlântico de escravos prosperou até ser substituído pela colonização. As lutas nacionalistas africanas do pós- Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e o enfraquecimento da asfixia jugular dos africanos pelos europeus após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) resultaram no abrandamento do sufoco colonial à medida que uma nova vaga de nacionalistas africanos beneficiou de interações com pessoas como Marcus Garvey; George Padmore e Paul Robeson, que regressaram à África e despertaram a consciência para a mudança. Padmore acompanhou de facto Kwame Nkrumah à independência do Gana.

Mas o sopro da mudança no mundo dos anos 60 não se ficou apenas pela Europa. Grandes avanços em matéria de direitos civis nos Estados Unidos aceleraram à medida que os países africanos começaram a emergir na cena mundial. A América queria que os seus acordos de exploração utilizando o Banco Mundial e o FMI se institucionalizassem, uma vez que as Nações Unidas forneciam plataformas de diálogo para novos países africanos. Já não era fácil asfixiar, brutalizar e manter fora do radar as lutas lideradas por Paul Robeson, Martin Luther King Jnr, Malcolm X, Elijah Mohammed e os inspiradores actos individuais das Rosa Parks da América.

O neocolonialismo substituiu o colonialismo à medida que as instituições de Bretton Woods se tornaram uma base para a exploração ocidental e o subtil controlo psicológico sobre todas as pessoas de ascendência africana prosseguiu com expressões ideológicas de controle mental como democracia e livre iniciativa. A democracia foi atirada borda fora pelo Ocidente, pois convenientemente não a iam pregar em países como a Rodésia e a África do Sul. O Ocidente acolheu os regimes repressivos locais até que o resto de África apoiou as corajosas e sangrentas lutas lideradas pelos ZANU-PF e ANC nos dois países, respectivamente.

O problema que enfrentamos não é a cor, mas as relações estruturadas de domínio de poder. O racismo é uma manifestação. Hoje em dia, muitos líderes africanos não têm agido de forma muito diferente dos traidores que venderam a sua espécie à escravatura. Estão hoje a forçar o seu povo africano, agora supostamente independente, a aceitar a desumanização em troca de uma vida melhor fora de África, à medida que transformam a sua governação local em esbulhocracia – tendo a pilhagem dos patrimónios nacionais como fundamento da sua governação. A formação de africanos em África que emigram depois para uma "vida melhor" para criar riqueza noutros países, bem como as estruturas de dominação das relações económicas internacionais pós Segunda Guerra Mundial vão todas na mesma direcção - joelho no pescoço dos africanos, quer como africanos continentais, afro-americanos (América do Norte/América do Sul), afro-europeus, afro-asiáticos, etc. O terrível assassinato de George Floyd é uma oportunidade para compreender claramente o significado mais amplo de "joelho no pescoço de um africano".

O Reverendo Al Sharpton, na cerimónia fúnebre de George Floyd em Minneapolis, apelou às autoridades americanas com a expressão: “Tirem o joelho do nosso pescoço”. Esta expressão reflecte um apelo, se quiserem, uma forma de persuasão daqueles que têm sustentado o racismo sistémico que tem mantido pessoas de ascendência africana de rastos.

Um apelo não funciona nas relações de poder entre dominantes e dominados. O racismo prospera com base numa relação de poder e as pessoas não desistem do poder de livre vontade. A reacção multirracial dos millennials nas ruas de muitas capitais do mundo é bem-vinda, mas não é suficiente. Os próprios africanos devem acordar e resistir a ser colocados no fundo da pilha que tem permitido a sua fácil exploração. Para além do desgosto poético, filosófico, emocional, político, celebrativo e social que se seguiu ao assassinato de George Floyd, o povo africano, independentemente de onde esteja e de como soe, deve compreender que não tem que estar no fundo da pilha.

A Nigéria, enquanto país que acolhe a maior população de pessoas de ascendência africana, tem vindo a fazer valer muito pouco o seu peso. Houve reacções débeis à sorte de George Floyd por parte dos nigerianos. Como de costume, a liderança nigeriana fraca, mergulhada na sua própria má governação, falhando eternamente no servir a justiça pelas mortes inexplicáveis dentro das suas fronteiras, esteve em grande parte ausente da acção apenas apoiando vagamente resoluções nas plataformas mundiais que não fazem mais do que conversa.

Mas que não nos enganemos, o destino de George Floyd é o destino de todos os africanos do mundo, incluindo os nigerianos. Nenhum nível de conquista pessoal confere o estatuto de "branco honorário" seja a que africano for nas ruas de Nova Iorque ou Londres, sempre que seja o perfil racial que está em questão. A auto-avaliação e a avaliação insidiosa dos outros variam muito e mais ainda quando não existe praticamente nenhum país africano que seja motivo de orgulho para todos os povos do mundo.

A reacção da China à humilhação passada do Ocidente não se baseou em apelos morais. Construiu o seu poder ao longo dos anos. Hoje em dia, a China não precisa de dizer a ninguém para tirar o joelho do pescoço chinês.

Pés mais humilhantes estão na realidade nos pescoços dos africanos. Os africanos não devem construir continuamente "Wall Streets" fora de África apenas para serem chutados para fora dessas paredes. É mais que tempo de as pessoas de ascendência africana em todo o lado acordarem e: "Tirarem os Pés dos Seus Pescoços".